

Seminário sobre
cinema independente
termina amanhã no Rio

JORNAL DE BRASÍLIA
17 MAR 1993

PÁGINA 3

Evandro Salles
inaugura exposição
de fotografias

PÁGINA 6

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL,

QUARTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1993

Jornal de Brasília

DF - Cultura

CRISE DE IDENTIDADE

DOIS ANOS DEPOIS DE SUA INAUGURAÇÃO, A FUNDAÇÃO BALLET DO BRASIL AINDA NÃO CONSEGUIU CUMPRIR SEUS OBJETIVOS BÁSICOS

ANAMARIA ROSSI:

As vésperas de comemorar dois anos de sua inauguração, em 19 de abril próximo, a Fundação Ballet do Brasil, presidida pela vice-governadora Márcia Kubitschek, enfrenta uma crise financeira e de identidade. Sem recursos para implementar seus projetos originais, a diretoria da Fundação optou por alugar o espaço a grupos e academias de dança, a preços módicos. Há cerca de um mês, quatro desses grupos vêm usufruindo das instalações do antigo prédio da Petrobrás, reformado com recursos da Fundação Banco do Brasil, simplesmente para que o prédio não fique desocupado e para garantir a auto-suficiência da Fundação em pagar suas contas de manutenção.

Idealizada pelo então governador José Aparecido, em outubro de 1987, a Fundação Ballet do Brasil tinha como principal objetivo atender a duas necessidades básicas de Brasília na área de dança: primeiro, formar um corpo de baile que pudesse representar a Capital e o Brasil dignamente; depois, através de uma escola de alto nível, formar bailarinos profissionais em diversas tendências da dança.

Para a primeira missão foi nomeada a coreógrafa Dalal Achcar, diretora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, enquanto o projeto da escola foi recomendado à coreógrafa Giselle Santoro. Muita festa se fez em torno dos projetos da Fundação e, no entanto, dois anos depois, tudo continua no papel, à espera de um convênio com a Fundação Cultural do Distrito Federal para que o enorme e bem equipado prédio possa transformar-se em centro irradiador de cultura.

No final do ano passado, o secretário de Cultura do DF, Fernando Lemos, já havia anunciado a intenção de, através de convênio com a Fundação Ballet do Brasil, transformar o prédio num centro de oficinas culturais, principalmente na área de dança. O grupo Endança daria início à ocupação gradual do prédio, que durante dois anos foi palco de um único projeto, o Oficina, desenvolvida entre março e junho de 92.

"Fui convidado pela Fundação para desenvolver um projeto em que o Endança estabeleceria uma atividade permanente no local", conta o coreógrafo do grupo, Luiz Mendonça. "A idéia era de que o grupo ocupasse um terço dos horários disponíveis da Fundação, e o restante seria ocupado por outros projetos", continua. O projeto do Endança foi aprovado em outubro passado e deveria ter começado em fevereiro. Segundo Fernando Lemos, o início das atividades não deve passar deste mês, quando o prédio, pertencente à Petrobrás, for definitivamente cedido à Fundação Cultural.

Convênio — "Estamos esperando que o prédio seja nosso. Depois de cinco anos de concessão de uso, a Petrobrás pediu o prédio de volta. Como a empresa não tem nenhuma destinação imediata para ele, estamos negociando, através da Terracap, a doação de duas projeções para postos de gasolina em troca do prédio da Fundação Ballet", explica Fernando Lemos. Ele garante que a transação está na reta final. "Queremos fazer uma administração conjunta, abrir o espaço a todas as tendências, basicamente através de cursos e oficinas. Esse pode ser o embrião do corpo de baile", entusiasma-se.

O secretário de Cultura não critica a opção da diretoria da Fundação Ballet por alugar o espaço aos grupos independentes e academias: "Acho a iniciativa louvável, porque o espaço estava desocupado e a Fundação precisava pagar suas contas. Mas isso deve ser revisto quando firmarmos o convênio. Temos que estabelecer critérios claros para universalizar a ocupação do espaço. A idéia do aluguel não é a mais adequada", diz.

A coreógrafa Lenora Lobo, diretora do grupo Alaya Dança, um dos que estão ocupando o espaço da Fundação Ballet há cerca de um mês, também não acredita ser esta a melhor solução para o uso daquele espaço. "A prioridade deve ser dada aos cursos de formação de profissionais de dança. Os espaços que sobrarem, podem ser cedidos para os grupos independentes, que não têm local para trabalhar e estão se formando na raça, sem qualquer apoio", avalia.

Outra coreógrafa, Denize Zenícola, do grupo Proposta Cia. de Dança, critica a demora na implementação de um projeto para a Fundação Ballet: "A gente não pode ficar à espera de convênios que nunca saem. Aquele espaço não foi criado para os grupos, mas é melhor estarmos lá dentro do que o prédio ficar mais quatro anos desocupado", diz. Denize conta que alugou o espaço a Cr\$ 2.600,00 por aluno a cada hora de ocupação, preço que considera "bem razoável em relação ao cobrado pelas academias" para os grupos independentes.

Ela e Lenora Lobo, juntamente com outros diretores de grupos de dança brasilienses, participaram de reunião convocada, há um mês e meio, pelo diretor-superintendente da Fundação Ballet do Brasil, José Edson Perpétuo, quando foi apresentada a proposta aos grupos. Além do Alaya e do Proposta, aceitaram a oferta os grupos dirigidos pelas coreógrafas Andréa Horta e Rosa Coimbra.

Idealizador e um dos diretores do Projeto Oficina, única atividade desenvolvida na Fundação Ballet depois de sua inauguração, Geraldinho Vieira acre-

Fotos: Glênia Dettmar



Instalada no antigo prédio da Petrobrás, que inclusive já o pediu de volta, a Fundação Ballet do Brasil enfrenta crise tanto de recursos quanto de identidade



O material que sobrou do Projeto Oficina está acumulado até hoje numa das salas da Fundação Ballet

dita que a vice-governadora Márcia Kubitschek e o secretário de Cultura, Fernando Lemos, "vão encontrar uma maneira rica e criativa de colocar o espaço à disposição da comunidade". Na sua opinião, a Fundação Ballet poderia funcionar como um grande centro de criatividade, envolvendo a dança e outras áreas da criação artística, como cenografia, figurinos e interpretação. Geraldinho Vieira diz não compreender porque, até hoje, nenhum produtor de arte — além do Endança, tenha procurado a Fundação com algum projeto de ocupação do espaço. "É deles que deveria partir a iniciativa", provoca.

Sem recursos — Mas o problema da Fundação Ballet, segundo a assessoria de Márcia Kubitschek, não é a falta de projetos, e sim de recursos. Apesar de ainda não terem sido retirados os materiais que sobraram do Oficina, até hoje acumulados numa sala da Fundação que funcionou como uma oficina de cenografia durante o projeto — a direção da Fundação Ballet diz que as "excelentes instalações vêm sendo mantidas em condições de utilização imediata" e que a impossibilidade de plena utilização deve-se à "falta de recursos para colocar em prática a programação que seria ideal para o espaço".

Nesse sentido, a Fundação encaminhou ao Ministério da Cultura, via Lei Rouanet, um projeto que cria as condições para a existência de um corpo de baile, admitindo que ali poderão ser abrigados também outros projetos patrocinados com recursos da iniciativa privada. "O caráter democrático da utilização do espaço não será mudado após o convênio com a Fundação Cultural", garante Ilara Viotti, coordenadora de Atividades Culturais da Fundação Ballet.

Em nome da vice-governadora e presidente da Fundação, Márcia Kubitschek, Ilara explica a opção por alugar o espaço aos grupos: "Não seria justo para com os profissionais de dança da cidade que a FBB permanecesse totalmente ociosa enquanto não se conseguem recursos. Seria igualmente injusto cobrar dos grupos somas altas. Assim, foi estabelecido que seria cobrado apenas o necessário para cobrir as despesas mínimas com manutenção do prédio". Ilara Viotti garante, ainda, que até o final deste mês será implementado o projeto do grupo Endança "com recursos que estão sendo negociados pela FBB".

Dependendo de como se desenvolverem as negociações para a obtenção de recursos, seja através da Lei Rouanet ou da iniciativa privada, até mesmo a diretora cultural e artística da Fundação, Dalal Achcar, poderá vir a Brasília para colocar de pé o sonho do corpo de baile. "Estou esperando apenas o suporte financeiro", diz Dalal, lembrando que para criar uma companhia de dança com "o que há de melhor no Brasil" é preciso pagar salários atraentes aos bailarinos. Mesmo já tendo realizado um concurso, há cinco anos, com vistas à formação do corpo de baile, Dalal está disposta a arregaçar as mangas e começar tudo novamente.

■ Colaborou Paulo Panlago